



## A RADICALIDADE DO CINISMO: ANÁLISE DA CARTA CINCO DE SÊNECA

*George Felipe Bernardes Barbosa Borges*<sup>1</sup>

### **Introdução**

Sêneca (1-65), uma das maiores figuras de seu tempo, seja como literato, filósofo, senador, tutor de imperador ou até mesmo banqueiro, destinou ao seu discípulo e amigo Lucílio mais de uma centena de cartas. O presente artigo trata, justamente, da análise de uma dessas cartas – mais precisamente a carta cinco –, na qual podemos especular que haja uma tensão entre a radicalidade do cinismo, escola que deu à luz o estoicismo, e o próprio estoicismo, escola à qual pertence o filósofo da Andaluzia.

Para tanto, faremos inicialmente um breve resumo do que foi o cinismo. A escola teve como seu fundador Antístenes (445-365), seguidor de Sócrates e do sofista Górgias. Mas foi com Diógenes de Sinope (404-323), que os cínicos encontraram seu maior expoente; com certeza, foi ele quem fez o nome do cinismo romper a barreira dos tempos. Por fim, já no limiar do cinismo grego, a escola também teve Crates (365-285), um ilustre filósofo chamado de “o abridor de portas”.

O objetivo central do cinismo era buscar a felicidade humana. Eles compreendiam que tal felicidade só poderia ser alcançada naturalmente, isto é, vivendo de acordo com a natureza. Tendo isso em vista, eles negavam qualquer tipo de interferência cultural na formação do indivíduo, afirmando ser algo

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Universidade Federal de Goiás e mestrando no PPG de Filosofia da Universidade Federal de Goiás.

nocivo, causador de ilusões e vícios. Como consequência, eram vistos como extremamente radicais em sua filosofia – e eles próprios admitiam isso<sup>2</sup>.

Os cínicos, em sua filosofia “áspera”, não acomodavam de forma alguma nenhum tipo de luxo ou adorno, seja intelectual, seja material. Nada que não tocava urgentemente na vida cotidiana era válido. E, para se libertarem dessas armadilhas, praticavam a ascese, um constante exercício bem árduo, tanto físico quanto espiritual.

Apesar de o cinismo ter dado à luz o estoicismo<sup>3</sup>, veremos, na carta cinco, destinada a Lucílio, Sêneca fazer duras críticas à escola, que remetem, justamente, a essa base teórica apresentada.

### **As críticas de Sêneca**

Ao analisarmos esta breve carta minuciosamente, podemos ver pelo menos cinco críticas pontuais que o filósofo imperial faz ao cinismo. Tais críticas podem ser acomodadas em uma grande objeção central: uma crítica geral à radicalidade cínica, que abarcaria todos os outros pontos de dissensão.

Logo no início da epístola, Sêneca recomenda a Lucílio que viva autenticamente a filosofia, não apenas na aparência. E segue descrevendo o mau exemplo que, em tese, os cínicos contemporâneos dão: “O aspecto descuidado, o cabelo por cortar, a barba por fazer, o ódio afetado ao dinheiro, a cama no chão, são formas deformadas de ambição que tu deves recusar” (SÊNECA, 2014, p. 10). A hipótese que podemos formular nesse caso é que ele esteja atacando, aqui, apenas os cínicos do período tardio, isto é, os cínicos romanos.

Todavia, ainda sim podemos extrair desses exemplos uma crítica ao cinismo antigo. Seguindo sua argumentação, Sêneca visa atacar uma das premissas básicas do cinismo, que é o combate às convenções. Para ele, quando

---

<sup>2</sup> “Mas quando chegam a esta estrada [os adeptos do cinismo] e examinam a sua robustez, recuam como se estivessem doentes e, de alguma forma, dão voz a uma queixa não sobre sua própria fraqueza, mas sobre nossa indiferença à dificuldade” (MALHERBE, 1977, p. 107, tradução nossa).

<sup>3</sup> Conta a lenda que Zenão, discípulo de Crates, após este lhe delegar a tarefa de carregar uma panela de sopa de lentilha e a derrubar com seu bastão desistira, abandonara os ensinamentos cínicos. Segundo Diógenes Laércio, o fundador da Stoa, apesar de mostrar-se “fortemente inclinado para a filosofia”, “era muito tímido para adaptar-se ao despudor cínico” (LAÉRCIO, 2008, p.181).

o estudante de filosofia adere a esse estilo de vida relapso, está indo na contramão de toda a sociedade. Sêneca afirma categoricamente que não se deve viver de forma oposta aos seus concidadãos. Acreditamos que isso seja uma referência ao cinismo, na medida em que tal prática era de praxe para Diógenes.

[...] caminha para trás através das ruas, adentra os teatros apenas quando as pessoas estão saindo, abraça estátuas cobertas de neve, rola na areia se os dias são quentes e caminha descalço no inverno, veste luvas de boxe para se proteger de um valentão, aponta as pessoas de quem não gosta com o dedo médio, limpa o catarro da garganta na cara de quem julga indigno, dorme num tonel ou nos pórticos, só aceita discípulos que estejam dispostos a carregar um grande peixe ou um pedaço de queijo em público, assovia em meio à multidão de modo a expressar seu descontentamento com um orador parvo [...]. (NAVIA, 2009, p. 98)

Como se pode facilmente notar, tais ações de Diógenes despertavam em seus contemporâneos estranheza e antipatia, na medida em que ele próprio se colocava como outro em relação a eles, fazendo exatamente tudo ao contrário do usual. Desse modo, por dois motivos Sêneca aconselha a que não façamos uso disto em nosso expediente filosófico: primeiro para não atrair atenção indesejada, segundo porque a filosofia serve para nos conectar aos outros, não para criar um abismo.

O segundo aspecto que leva Sêneca a fazer tais considerações a Lucílio é particularmente muito controverso. Porque os cínicos podem, de fato, ser vistos como misantropos, e seus comportamentos e suas parcas ambições desconectados das pessoas; contudo, ainda há uma leitura mais incomum, mas que também tem suporte teórico, pela qual se afirma que os cínicos amavam as pessoas a partir de um conceito criado por eles mesmos: *philanthropia*, que representava o amor do filósofo à massa. Ainda assim, Sêneca tem muitos motivos para fazer a leitura que fez, colocando os cínicos como párias da sociedade.

Antes de passar para outras críticas, ainda há outro conselho de Sêneca que vai ao encontro do que foi discutido nos dois parágrafos anteriores. Segundo ele, devemos buscar um equilíbrio entre a vida vulgar e a vida

filosófica. Justamente para não sermos vistos como seres exóticos, recomenda-se “que todos olhem a nossa vida como algo acima do normal, mas sem que sejamos uns estranhos para eles” (SÊNECA, 2014, p. 11). O preceptor de Lucílio salienta que a nossa vida deve ser melhor qualitativamente, não meramente oposta ou distante da do vulgo.

Sêneca põe isso em jogo porque acredita que um dos papéis do filósofo é servir como uma referência para os incipientes. Os cínicos, de modo geral, e principalmente Diógenes, ao se comportarem da forma como se comportavam, acabavam colocando um obstáculo para si mesmos, que os impedia de alcançar a excelência no ofício do filosofar.

Num dos trechos mais ferozes da carta, Sêneca afirma que “é antinatural torturar o próprio corpo” (SÊNECA, 2014, p. 11). Isso mostra sua opinião em relação a duas noções capitais ao cinismo: a ideia da vida conforme a natureza e a ideia de *áskesis*. Ao dizer que o objetivo do estoicismo é viver de acordo com a natureza (2014, p. 11), e depois fazer tal asserção, é clara a oposição que Sêneca faz ao que o cinismo crê ser uma vida natural e também ao seu método de atingi-la.

Para viver naturalmente segundo a doutrina estoica, ao contrário do que afirmavam os cínicos, não era necessária renúncia à vida social, mudança de hábitos alimentares, descaso com a higiene e tortura física. Tais preceitos pertenciam à escola de Diógenes, e o próprio os seguia à risca. Conta-se que Diógenes comia comida crua, depois de ter observado os animais (2008, p. 171). Ele fazia isso acreditando estar vivendo conforme a natureza. Evidentemente, ao adentrarmos mais no terreno do cinismo, podemos encontrar razões muito mais razoáveis que esta para justificar tal ação.

Entretanto, isso ilustra bem os propósitos de Sêneca e revela uma das maiores diferenças entre o estoicismo e o cinismo. Enquanto o cinismo nega todo e qualquer tipo de luxo e opulência, o estoicismo acredita que tais coisas são indiferentes. Como quando Diógenes, ao ver duas crianças bebendo água com as mãos, jogou sua caneca fora (2008, p.161): para o cinismo, a caneca era um exagero, dado que se podia beber água da mesma maneira sem ela – a caneca é um objeto supérfluo que nos amolece e enfraquece; ela é um pequeno

mal que perpetua a ilusão e o vício em nosso espírito<sup>4</sup>. Já para o estoicismo, não! A caneca é um indiferente, que mediante um uso sensato pode nos trazer benefícios<sup>5</sup>. Quem usa a caneca racionalmente usa-a bem, enquanto quem a usa irracionalmente, usa-a mal.

Ou seja, viver conforme a natureza para o estoicismo é viver racionalmente, com a razão julgando o que é um bem, um mal e um indiferente. Os cínicos, apesar de concordarem com a premissa “viver naturalmente é viver racionalmente”, discordam de como se deve viver. Não há, como já dissemos, prerrogativa em nenhuma circunstância. Sêneca é enfático ao discordar dos preceitos de Diógenes: “A filosofia exige frugalidade, não suplícios, e a frugalidade não necessita ser desordenada” (SÊNECA, 2014, p. 11).

Além de atacar a “frugalidade desordenada” do cinismo, referindo-se, como já exploramos um pouco, ao comportamento bárbaro de seus predecessores, Sêneca também pontua que a simplicidade de estudar e praticar a filosofia não carece de sacrifícios, remetendo-se abertamente aos exercícios de ascese dos cínicos. Diógenes Laércio nos relata histórias inusitadas acerca desta *áskesis*, como quando Diógenes de Sinope rolou sobre a areia no verão, ou quando abraçou estátuas e andou descalço na neve e no inverno (DIÓGENES, 2008, pp. 158-160). Tudo isso era feito por ele com o intuito de se acostumar às dores e aos sofrimentos a que estamos sujeitos. O cínico afirmava que fazendo tais exercícios estaríamos prontos para quaisquer situações, e poderíamos enfrentá-las de maneira impassível.

## Conclusão

Por fim, podemos concluir que, apesar de muitas similaridades entre as duas escolas, há também, naturalmente, vários pontos de desacordo e tensão. Nesta breve correspondência, Sêneca deixa claro ao seu estimado amigo Lucílio o que lhe desagrada no cinismo.

---

<sup>4</sup> É interessante notar que Sêneca elogia Diógenes pela mesma anedota na carta 90.

<sup>5</sup> Na carta 92, Sêneca dá um exemplo bem parecido que convém citá-lo: “Digo-te mais; a escola da roupa limpa é algo próprio do homem, pois o homem é, por natureza, um animal limpo e cuidado. Não é, portanto a roupa que é um bem em si, já que o bem não está na coisa, mas na qualidade de nossa escola; a moralidade está na nossa forma de agir, não no acto concreto que praticamos” (Sêneca, 2014, p. 465)

Todas as suas críticas podem ser elencadas em um único tópico, como anunciamos logo na aurora do texto. Seu enfoque era o radicalismo que os cínicos pregavam, no modo de filosofar, vestir-se, comer, falar, agir, em suma, no modo como eles viviam. Sêneca chega a ironizar a aversão dos cínicos ao dinheiro, afirmando ser comportamento de “um espírito imperfeito” (2014, p. 11). Preconizava ao seu discípulo uma austeridade bem mais moderada, que não chamasse atenção indesejada, mas que ainda sim educasse sua alma para o exercício proveitoso da filosofia.

### **Referências**

- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile & BRANHAM, R. B (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- MALHERBE, A. J. *The Cynic Epistles: A study Edition*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1977.
- NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2014.
- VEYNE, Paul Marie. *Sêneca e o estoicismo*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2015.